

**ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: A PESTE E O MASSACRE DE
JUDEUS E CRISTÃOS-NOVOS NA OBRA O ÚLTIMO CABALISTA DE
LISBOA DE RICHARD ZIMLER**

**BETWEEN HISTORY AND MEMORY: THE PLAGUE AND
MASSACRE OF JEWS AND NEW CHRISTIANS IN THE BOOK LAST
KABBALIST IN LISBON OF RICHARD ZIMLER'S**

**ENTRE HISTORIA Y MEMORIA: LA PLAGA Y LA MASACRE DE
JUDIOS Y CRISTIANOS NUEVO EM LA OBRA EL ÚLTIMO
KABALISTRA DE LISBOA DE RICHARD ZIMLER**

Cleusa Teixeira Sousa

Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora de História da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. E-mail: cleotsou@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi59.61303>

Recebido em 20/10/2021

Aceito em 04/05/2022

Resumo

A trama histórica ganha forma por meio de fatos reais que se encontram nos registros de memórias de uma dada época e sociedade. Embora, a força da ficção resida em dar um olhar diferenciado e mais atrativo ao real. Assim, a intenção que mobilizou a escrita que ora lhes apresento, está contida na obra de ficção: O último cabalista de Lisboa, de um estudioso dos sefarditas, Richard Zimler que não se furtou em redigir um romance aludindo críticas e denúncias a esse evento trágico em terras lusas, ocorrido na primeira década do século XVI. O qual, merece melhor análise por parte da historiografia local vigente. A qual tende a silenciar suas marcas, dada a sua brutalidade para com os judeus e cristãos-novos em tempos de pandemia. O objetivo central desta pesquisa consiste em trazer à tona a capacidade da ficção de denunciar atrocidades, mas ao mesmo tempo, içar a amplitude do peso negativo que esses acontecimentos carregam consigo. Pois, é na tessitura da ficção que, torna-se possível criar mecanismos de enunciação em que se consegue dar voz aos personagens emudecidos ou silenciados pelos detentores de poderes (econômicos, sociais e políticos) que não querem ver seus interesses abalados e, por consequência, sustentam os jogos dos imaginários sociais e do esquecimento, buscando mascarar certos eventos. Assim, destacaremos esse fato de 1506, de modo a identificar os traumas e as violências a que os cristãos-novos foram submetidos no cenário de horrores que foi o Massacre de Lisboa em tempos de pestilência em Portugal.

Palavras-chave: História; Ficção; Massacre de Lisboa; Cristãos-novos; Pestilências.

Abstract

The historical plot takes shape through real facts that are found in the records of memories of a given time and society. Although, the strength of fiction lies in giving a different and more attractive look to reality. Thus, the intention that mobilized the writing I now present to you, is contained in the work of fiction: The last Kabbalist in Lisbon, by a Sephardic scholar, Richard Zimler who did not shy away from writing a novel alluding to criticisms and denunciations of this tragic event in Portuguese lands, which occurred in the first decade of the 16th century. Which, deserves better analysis by the current local historiography. Which tends to silence its marks, given its brutality towards Jews and New Christians in times of pandemic. The main objective of this research is to bring out the ability of fiction to denounce atrocities, but at the same time, to lift the breadth of the negative weight that these events carry with them. Because, it is in the fabric of fiction that it becomes possible to create enunciation mechanisms in which it is possible to give voice to the speechless or silenced characters by those in power (economic, social and political) who do not want to see their interests shaken and, consequently, support the games of social imaginary and oblivion, seeking to mask certain events. Thus, we will highlight the remarkable fact of 1506, in order to identify the traumas and violence to which New Christians were subjected in the horrific scenario that was the Lisbon Massacre in times of pestilence in Portugal.

Keywords: History; Fiction; Lisbon Massacre; New Christians; Pestilences.

Resumen

La trama histórica se concreta a partir de hechos reales que se encuentran en los registros de la memoria de una época y una sociedad determinadas. Sin embargo, la fuerza de la ficción radica en darle un aspecto diferente y más atractivo a la realidad. Así, la intención que movilizó el escrito que les presento está contenida en la obra de ficción: El último cabalista de Lisboa, de un erudito sefardí, Richard Zimler, que no rehuyó escribir una novela aludiendo a críticas y denuncias de este trágico hecho en tierras portuguesas, ocurrido en la primera década del siglo XVI. Lo cual, merece un mejor análisis por parte de la historiografía local actual. Lo que tende a silenciar sus marcas, dada su brutalidade hacia judíos y nuevos cristianos em tempos de pandemia. El principal objetivo de esta investigación es sacar a la luz la capacidad de la ficción para denunciar atrocidades, pero al mismo tiempo, elevar la amplitud del peso negativo que hechos llevan consigo. Porque, es en el tejido de la ficción donde se hace posible crear mecanismos de enunciación en los que es posible dar voz a personajes que son silenciados o silenciados por aquellos en el poder (económico, social y político) que no quieren ver su intereses sacudidos y, en consecuencia, sustentar los juegos de imaginários sociales y olvido, buscando enmascarar ciertos hechos. Así, destacaremos este hecho a partir de 1506, com el fin de identificar los traumas y la violència a los que, fueron sometidos los nuevos cristianos en el escenario de horrores que fue el Massacre de Lisboa en tiempos de pestilencia en Portugal.

Palabras-clave: Historia; Ficción; Massacre de Lisboa; Nuevos cristianos; Pestilencias.

Introdução

A escrita desse artigo foi motivada por compreender que cabe ao historiador buscar “novos” horizontes de pesquisas, estabelecidas para além dos contextos documentais de cunhos econômicos ou socioculturais. Nessa premissa, o objetivo central deste estudo visou verticalizar a investigação para as “artes do fazer”, conforme descritas por Michel de Certeau. Tomando como base suas múltiplas facetas enquanto fonte documental para investigação histórica, observando a sua relevância no processo formativo humano, por sua forte ligação com o espaço, o tempo e as condições socioculturais em que são elaboradas. Deste modo, busquei aventurar-me pelo estudo literário da obra em questão. Levando em consideração que cada sociedade se orienta pelo sistema de crenças, valores e por meio das representações simbólicas e sociais criadas coletivamente em cada época e espaço onde vivem. (CHARTIER, 1990).

Conquanto, neste estudo, buscar-se-á identificar as intenções, bem como as revelações e relações sociais que se fazem presentes na estrutura narrativa que dimensiona um dado contexto histórico-social atrelado a determinado tempo e espaço. Admitimos aqui a literatura como uma fonte importante para a história, onde ela nos fornece uma versão da história real que é dimensionada por meio dos olhos daquele que lhe dá forma – o escritor, o qual nos traz em suas narrativas elementos e características capazes de revelar fatos escusos. De acordo com Sevcenko, a literatura é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos (SEVCENKO, 2003, p. 30).

Importa-nos dizer que, a força da ficção está na capacidade de rememorar fatos reais, os recriando com leveza. Sobretudo, àqueles que promoveram “dores e violências” a uma dada sociedade. Pois, de acordo com Paul Ricoeur, é a narrativa que dá forma aos acontecimentos históricos (RICOEUR, 1982-1983). E, é por meio dela que se torna possível remontar fatos do passado. Pois, é na análise do jogo entre o horizonte de experiência e o horizonte de expectativa que reside a nossa tarefa de pesquisador. Haja vista que, apesar de não ter mais como intervir nesses acontecimentos, é na rememoração do passado que encontramos múltiplas possibilidades interpretativas no presente, as quais podem nortear “aquilo” que não queremos que ocorra novamente no futuro. (KOSELLECK, 2006).

Outrossim, o Evento que ora trazemos à tona por meio da obra de ficção de Zimler, é um forte indício deste ofício de investigador. Richard Zimler é norte-americano, nasceu em Nova Iorque em 1956. Este autor é um estudioso da literatura sefardita. Nesta seara, redigiu vários livros, cujo gênero literário entrelaça a ficção e aos fatos históricos relativos aos

judeus, dos quais destacamos, *Os anagramas de Varsóvia*¹ (publicado em pela primeira vez em 2009), *Goa ou o Guardião da Aurora*² (publicado em 2006) e *O último cabalista de Lisboa* (publicado primeiro em Portugal em 1996, e em 1997 no Brasil), ao qual nos deteremos nesta apresentação. Suas obras demonstram vasta erudição sobre essa temática relativa aos sefarditas (portugueses), a maior parte delas, foram dignas de premiações internacionais, dada a relevância de seus escritos.

Em *O último cabalista de Lisboa*, Zimler se apropria do real, para dar forma ao romance histórico em que usa como pano de fundo o Massacre dos cristãos-novos em Lisboa em 1506 num período marcado pela pestilência, apesar de não o identificar para além da data de sua ocorrência, da cidade onde aconteceu e dos atores envolvidos. A trama está amarrada de modo a conduzir o leitor a confundir-se entre o real e o fictício; entre a religiosidade cristã e a mística judaica. Ao analisá-la percebemos a profundidade de seu conhecimento sobre a cultura e os hábitos judaicos que perpassam toda a sua escrita.

Pontos relevantes da obra que mexem com o imaginário coletivo e contextos que pairam entre a história e a ficção

De acordo com Michel Vovelle, o imaginário coletivo de um grupo se dá por meio de sua interação social, em que as mentalidades e representações simbólicas e coletivas ocorrem por meio das mediações, bem como pela dialética entre as condições objetivas da vida humana e a maneira como os homens lidam com essa realidade, criando ritos, valores e deste modo como eles vivem e narram suas histórias. Nesse sentido, vale ressaltar que a obra descreve o cenário português no qual aconteceu uma grande matança de judeus e cristãos-novos num período em que Portugal e grande parte da Europa estava sofrendo as consequências da pestilência, fome, crise econômica e o passamento de muitos entes queridos. Deste modo, para atribuir veracidade aos seus escritos, Zimler parte do princípio de

¹ Essa obra remonta o ano de 1940, assim o autor esboça um cenário em que os nazistas isolaram milhares de judeus em um pequeno gueto de Varsóvia, na Polônia. A atmosfera sombria e opressora da realidade entre os muros de arame farpado é descrita por Erik Cohen, um velho psiquiatra que com a ocupação alemã é forçado a morar com a sobrinha e o filho dela. Nesse palco dos horrores, o autor revela atrocidades e faz denúncia desta sociedade do último centenário do séc. XX.

² A trama se desenrola na “colônia portuguesa de Goa, que na segunda metade do século XVI, estava prestes a chegar ao fim, visto que, remonta um período em que a Inquisição fazia enormes progressos na sua missão de impedir todos os ‘bruxos’ - quer fossem nativos hindus, quer imigrantes judeus - de praticarem as suas crenças tradicionais”. Zimler, cria um enredo pautado no choque multicultural e religioso que norteia sua obra, no entrecruzamento de três religiões, o catolicismo lusitano, o Islamismo e o Hinduísmo. Esse livro, rememora os tempos de terror impelidos pela Inquisição de Portugal que chega em Goa em 1540, e aqueles que se recusavam a denunciar os “heréticos” ou a renunciar a sua fé de origem, tinham um triste fim, eram estrangulados ou queimados vivos na fogueira do Santo Ofício.

que sua obra foi redigida a partir de “manuscritos” encontrados pelo principal personagem de seu livro o “cabalista judeu” numa de suas andanças pelo mundo, quando residiu em uma casa na Turquia (Istambul), que a ele foi cedida por um outro amigo também judeu. A narrativa envolvente de Zimler, descreve que a esse tempo a habitação para onde foi o cabalista passava por uma reforma dada sua aparência “de casa velha” sucateada. E, como num acaso, o autor conta aos seus leitores que ao quebrar as paredes do fundo, por onde os reparos teriam se iniciado, os trabalhadores encontraram ali uma caixa com documentos. Mas, não se trata de um documento qualquer, eram “manuscritos”, fontes documentais do século XVI – valiosíssimas para os pesquisadores do tema -, em sua trama o autor demonstra que tais documentos haviam sido redigidos por um judeu sefardita.

Na narrativa, o literata revela que foi por meio de parte desses “manuscritos religiosos” redigidos em hebraico angular típico da Península Ibérica (que, supostamente teria sido escrito por um judeu sefardita do séc. XVI) que teve acesso ao contexto que deu forma ao livro de nossa análise. Mais uma vez ele envolve a história com a ficção, pois os fatos narrados entrelaçam mistério, realidades e ficção. Dentre os documentos “encontrados” estavam seis Tratados sobre a Cabala³, para além de 3 outros que versavam sobre as atrocidades ocorridas na capital portuguesa na primeira década do século XVI. No desenrolar da trama, Zimler atribui a autoria destes manuscritos ao judeu sefardita Berequias Zarco, um estudioso da Cabala (sobrinho do grande sábio conhecedor da Cabala Abraão Zarco), mais uma vez o autor traz à tona seus conhecimentos da cultura judaica, mostrando a relevância da Cabala para esse grupo.

Nos interessa dizer, portanto, que o título deste livro está atrelado ao ofício do mentor dos tais manuscritos Abrão Zarco, o célebre cabalista idealizador da Escola Cabalística de Lisboa e principal membro de uma família de cristãos-novos habitantes no bairro de Alfama na capital portuguesa. Esses manuscritos ficticiamente encontrados na casa em reforma, que lhe fora cedida pelo advogado de Abraham Vital, o qual exercia seu ofício em Istambul e recebera esta casa de herança de um cliente, para o qual empreendera uma causa contra o governo turco, apresentando petições para conseguir subsídios em favor deste trabalhador que

³ A escrita da Cabala foi baseada na Torá (Bíblia dos judeus que contém a Lei Mosaica), sua redação foi realizada por diversos sábios. Trata-se de um conjunto de crenças míticas. Cujo objetivo principal centra-se em decifrar a natureza da criação divina, por meio dos 22 elementos, correspondentes as 22 letras do alfabeto hebraico, sob a qual a Torá foi elaborada na Antiguidade. A cada letra é atribuído um valor numérico, busca-se o significado de todas as coisas baseados no valor numerológico de seus nomes. Há um mito que atribui aos cabalistas o poder de compreender e controlar todas as forças do Universo, pois são os únicos capazes de decifram o valor dos elementos que o compõem. (Couto, 2009).

executava o ofício de carpinteiro⁴ “Ayaz Lugo de 59 anos”, o qual aparece no romance histórico como alguém desprovido de familiares.

Na tessitura de sua trama Zimler explora o cenário construído e pensado a partir dos manuscritos supostamente encontrados na tal casa de Istambul. Dessa forma, ele esboça que Berequias o seu personagem-narrador, se mudou para lá em maio de 1990, descrevendo o interior da casa de modo cinzento, castanho e empoeirado ambas as cores citadas, se tratam de tons sem vida (opacos), onde parecia estar abandonada – ou esquecida. O que nos leva a pensar que a tonalidade descrita para demonstrar o ambiente da casa pode se tratar de um tipo de denúncia (ao esquecimento?) por transparecer um lugar “sombrio”. Pelo que se pode observar, a casa ficava bem localizada e tinha boa estrutura, pois era composta de dois andares de pedra e estuque lascado, para além de se situar numa zona de comércio, ficava entre uma padaria e uma loja de discos.

Em sua narrativa Zimler revela muitos elementos, próprios da cultura judaica, os quais teremos a possibilidade de identificar no decorrer de sua redação, até mesmo quando descreve a casa, os possíveis hábitos e costumes de seu antigo proprietário, um sefardita português.

A esse respeito, destaca-se o armário que se encontrava no quarto. No qual, Zimler anuncia que ali encontraram diversos cubos de açúcar, colocados de modo alinhados em malas de couro. Nota-se, porém que o açúcar além de ser um alimento caro, se tornou quase escasso no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Seria esse o mesmo período descrito por Zimler, em que o antigo proprietário da residência, o sr. Lugo habitara a tal casa localizada em Istambul. O autor ainda questiona: será que o açúcar estava tão bem acomodado em malas, para facilitar que Lugo escapasse às pressas – de supostas perseguições nazistas - caso fosse necessário? O literata, apresenta uma relevante reflexão a esse respeito, onde ele menciona: “Talvez os judeus devam ter sempre preparada pelo menos uma mala” (Zimler, 1997, p. 8). Para fins escusos. Sabe-se que devido as constantes perseguições e expulsões sofridas por esse grupo, desde os tempos antigos com a destruição do Templo de Salomão e a escravidão no Egito Antigo, os judeus têm sido impelidos a empreender as constantes diásporas, ocorridas de tempos em tempos ora por perseguição, ora por expulsão, ou sob os dois fatores em consonância (Feldman, 2017; Sousa, 2018). Tanto no uso de metáforas, quanto no clima de suspense de suas colocações o autor se dedica constantemente a

⁴ Na trama, a causa na justiça dizia respeito a Lugo ter sofrido um acidente de automóvel, que o deixara com o braço e a mão direita paralisada, o impossibilitando de trabalhar. O carpinteiro deixou a casa de herança ao advogado por não ter familiares.

dimensionar os fatos, se revelando como um “portador de memórias” (RICOEUR, 2004) que estão sempre atreladas à cultura judaica.

Logo na sequência, Zimler esboça que num outro guarda-roupa velho e já destruído pelos cupins, encontrou debaixo de peças de roupas de algodão, algumas barras de chocolate turco, já rançoso. O autor menciona ter sentido prazer em saber que assim como ele, o sefardita Lugo era um amante dos doces. Mediante essa circunstância, faço aqui um parêntese, para uma relevante reflexão: O chocolate, assim como o açúcar são verdadeiras fontes de energia, em tempos de fome, ou de reclusão motivadas por guerras ou perseguições intensas como ocorreram durante o holocausto esses alimentos eram de suma relevância caso fosse necessário empreenderem fugas ou se esconderem e, ainda assim, manterem suas energias vitais, mesmo com toda a privação e escassez da alimentação cotidiana. Assim, pensamos que aos judeus, era sempre conveniente terem alimentos fáceis de guardar ou de levarem consigo, caso precisassem se deslocarem de um local para outro repentinamente, fossem motivados por perseguição ou por quaisquer outras necessidades.

Em suas interpretações, ao relatar sobre a idade dos móveis da casa em Istambul, assinala-se que esses lhes pareceu ter mais de 70 anos de uso (provavelmente eram do início do séc. XX). A esse exemplo indica a data impressa no colchão da cama, mencionando ainda que do chuveiro saía apenas um fio de água fria marrom que cheirava cloro e ferrugem, fato que demonstra o amplo desuso dos equipamentos da casa por um longo período. Tal fator, corrobora para pensarmos que a essa época, Lugo e sua consorte frequentassem os banhos públicos, para evitar maiores gastos no seio do lar.

Dois meses após Berequias se mudar para esta casa, o advogado Vital - que lhe cedera a residência - resolveu reformá-la e a reforma começou pelo porão, onde os trabalhadores encontraram um esconderijo secreto. Nessa parte da obra de Zimler, encontramos um misto de mistério e curiosidade, pois o lugar secreto era composto por “uma abertura quadrada com quatro pés e profundidade de dois”, que tinha sido tapada por tábuas de madeira, as quais receberam uma cobertura de cimento por cima. No lugar secreto havia um TIK, o pequeno Cofre cilíndrico que os judeus sefarditas usavam para guardar a Torá (Lei mosaica) documento mais relevante dessa cultura. “Decorada por uma elaborada filigrana de prata e pavões de esmalte”. (Zimler, 1997, p. 9). Tudo leva a crer que o bestiário constituído por pássaros, nas iluminuras, exibisse a assinatura de Berequias Zarco em forma de íbis egípcia, um ornamento propício dos documentos antigos.

Nesse ponto a narrativa traçada por Zimler gera suspense ao mencionar o que guardava a “caixa dos tesouros secretos” dos judeus - o TIK -, onde foram encontrados 9 manuscritos encadernados em couro (aos moldes dos livros antigos). Seis deles, versavam sobre aspectos da Cabala (filosofia mística que se propagou pela diáspora judaica, como o Zohar), enquanto os outros três referiam-se a família Zarco que em 1506, residia em Lisboa e foram vítimas de um Massacre, episódio também conhecido como a Matança da Páscoa de 1506.

Zimler, descreve que os manuscritos foram escritos no decorrer de 23 anos (1507-1530) e que os tais manuscritos foram reunidos de modo desordenado, assinala ter levado dois meses para ordená-los. Interessante perceber que a data que o autor alude aos escritos dos manuscritos antecede o período do início da implantação da Inquisição em Portugal em 1536, apesar de só ter sido implementada a partir de 1540, quando ocorreram os primeiros Tribunais Inquisitoriais portugueses, período em que a perseguição contra os cristãos-novos que continuavam cultuando os seus antigos princípios religiosos – decorrentes da Lei mosaica - ocorrem com maior rigidez.

Dos manuscritos supostamente encontrados no Tik do esconderijo da casa de Istambul

É importante perceber como na tessitura da trama construída, o autor concede lugar de honra à casa de Istambul, atribuindo a ela um lugar de memória da cultura judaica, mesmo em meio ao suspense e a mística, a casa se torna uma espécie de bastião das memórias judaicas. Visto que, lembrar de acordo com Santo Agostinho é composto por três categorias, são elas, a memória, a espera e a atenção, juntos esses elementos possibilitam a compreensão do tempo e, assim compartilham o espaço da narrativa de Zimler. Demonstrando um certo conflito entre o passado (Massacre de Lisboa que retrata a primeira metade do século XVI, bem como as Tradições e Hábitos dos judeus) e o presente (século XX, período em que supostamente os Manuscritos “reveladores” foram encontrados no esconderijo secreto da casa). Ambos, passado e presente, se solucionam em uma configuração discursiva que agencia um sentido para o passado a partir de uma interpretação moral do presente. O termo “sentido” aqui ganha conotação de necessidade de orientação dos indivíduos, tendo em vista as transformações que se experimentam em um mundo conduzido pelas ações dos homens consigo ou com outros homens (RÜSEN, 2001). Momento em que se percebe que as ações humanas geram consequências tanto positivas quanto negativas para a sociedade em geral.

Nesse sentido, a casa ocupa o lugar de guardiã de documentos que denunciam o Massacre, a perseguição aos judeus (a memória traumática estabelecida nesses episódios), mas também resgata a memória coletiva estabelecida por meio dos hábitos e da cultura através da revelação da Tradição contida nos ensinamentos da Torá que unem os judeus por meio da fé e que lhes garante a manutenção de uma cultura tão antiga quanto a que eles manifestam. Nota-se, portanto, um esforço por parte do autor em resgatar a história vivida por esse grupo no sentido de resgatar e interpretar os fatos do passado por meio de sua obra de ficção, trazendo em seus escritos a justaposição de tempos que se contrapõem, mas que registram memórias pessoais e coletivas marcadas pelo tempo que perpassam passado e presente numa relação contínua e ambivalente. (LE GOFF, 2008)

Os manuscritos, deram vasão a obra em que Berequias narra ter empreendido uma perseguição ao assassino de seu tio Abraão Zarco, um cabalista de renome em Lisboa. Zimler, assinala alguns nomes de cristãos-novos que também estão contidos na “crônica” de Berequias, como Salomão Verga, Didi Molcho, D. João de Mascarenhas e Isaac Bem Ferraj,

O segundo manuscrito, assemelhava-se a uma escrita providenciada para o enredo de uma novela espanhola conforme narra Zimler, mas se divergia das novelas picarescas espanholas, quanto ao tom, pois Berequias quase nunca era irônico e jamais burlesco como os castelhanos. Contudo, a linguagem de Berequias era franca, recorria à palavrões, blasfêmias e palavras de baixo calão, que Zimler assinala ter mantido ao transcrever os manuscritos. Esses documentos, aludiam aos acontecimentos de uma testemunha ocular da matança de cristãos-novos em Lisboa.

O texto de Berequias é um mistério, escrito em três partes. Essa obra consiste num relato sobre a investigação de crimes ocorridos no Pogrom⁵ de Lisboa. Seu conteúdo aborda o enredo enfatizando fatos ocorridos em 1506, em que Berequias menciona ter encontrado o cadáver de seu tio e mestre Abraão (Abrão) e de uma jovem no porão da casa arrasada, onde os corpos estavam totalmente nus.

O último cabalista de Lisboa, configura-se como um romance histórico, deste modo não poderia deixar de trazer à tona, a figura de uma mulher (para encantar seus leitores). Dessa forma, o autor passa a condicionar sua narrativa à investigação policial dos fatos, explorando a narrativa que dá vasão a investigação de Berequias à morte de seu tio e da “amada”. Nesta circunstância, o autor se apropria de técnicas literárias que apontam para a

⁵ Perseguição a um grupo étnico ou religioso, em que ocorre o ataque violento as pessoas por conta de intolerância étnica ou religiosa.

ilusão envolta em pistas falsas e em referências “descaracterizadas” do Livro das Leis dos judeus a Torá e de suas interpretações o Talmude, compondo um intertexto de destaque na composição de seu romance. O real, atrelado a ficção cria pistas que levam o leitor na busca insana por respostas.

O fato histórico do qual o autor se apropria para dar forma a seu romance histórico

Esse acontecimento é conhecido “historicamente” como o Massacre ou o “Pogrom de Lisboa”, ocorrido no período de celebração da Páscoa⁶ de 1506, evento em que morreram cerca de dois mil cristãos-novos. Sem dúvida alguma, esse fato é histórico. Tal matança, foi incitada por dois frades dominicanos, o conflito iniciou-se no Convento de São Domingos, onde em uma missa em comemoração à páscoa, estavam reunidos vários fiéis (do catolicismo). Como os judeus, haviam sido impelidos ao batismo forçado, também denominado de batismo em pé, ou compulsório, dada as circunstâncias de imposição do Rei D. Manuel I (1495-1521), para que fossem todos batizados⁷, independentemente de sua vontade em 1497. Cabia, aos conversos frequentarem as missas e participar de alguns rituais religiosos, mesmo que minimamente, para disfarçarem a fé que continuavam a professar em cultos secretos atribuídos ao judaísmo.

Mediante este contexto, um certo cristão-novo que participava da missa em comemoração à páscoa junto com os cristãos-velhos, mencionou em voz alta seus pensamentos, em resposta ao comentário feito por um cristão local sobre o acontecimento que ambos presenciaram nesse Evento. Na ocasião, o cristão-velho revelou ter visto brilhar a aparição de uma imagem do rosto de Cristo no momento da celebração da missa. Mencionando que àquilo que presenciaram seria um “milagre”. Talvez essa tenha sido uma tentativa do cristão local de reduzir o sofrimento de seus companheiros “fiéis de Cristo” nesta ocasião. Pois, suas palavras nos parecem ter sido um modo de confortar e levar esperança de dias melhores aos seus companheiros, que a esse tempo enfrentavam um surto epidêmico em

⁶ Quando os cristãos comemoram a Páscoa como um Evento que rememora a ressurreição de Cristo; os judeus comemoram o *Pessach*, que seria a Páscoa judaica, em que eles comemoram a fuga do seu povo (os hebreus) do Egito (o Êxodo), onde foram escravizados por 40 anos. (Schama, 2015).

⁷ Côncio de todos os atributos que esse povo continha, D. Manuel I certamente, buscou os manter em seus domínios, mesmo que não fosse no interior do território português, visto que, a essa época o rei mantinha outros domínios terrestres no além-mar. Possivelmente os judeus/cristãos-novos tiveram papel relevante na colaboração indireta nos processos de formação organizacional que foram se fortalecendo através da inovação comercial deste período. Os judeus corroboraram com seus conhecimentos culturais e com financiamento de diversos setores que contribuíram para esse desenvolvimento. Talvez, não seja exagero conjecturar que suprimam economicamente os gastos das viagens marítimas do reino português, as quais certamente lhes renderam lucros também. (Sousa, 2018).

Portugal. Em outras palavras, soava como um apelo e mostrava que: “Cristo ouvira as preces dos cristãos”. Outro fator agravante neste contexto, se refere a fome em decorrência da peste que afligiu o reino entre os anos de 1504 e 1507.

Num ataque de inconformidade com as explicações do cristão, o converso endossado por reflexões mais científicas, arriscou-se a explicar o fenômeno, ressaltando que se tratava apenas de um reflexo de luz solar que havia adentrado o lugar promovendo um brilho pouco comum. Mediante essa interpretação do fato, o converso foi acusado de apostasia e de ser um transgressor da fé cristã, pois desprestigiava a explicação que elevava os princípios da fé cristã, como a esperança em Cristo. Incitados por dois frades dominicanos, os cristãos-velhos deram início ao morticínio contra os conversos.

Para além das situações problemáticas de cunho político-religioso, que os cristãos-novos enfrentaram após a conversão, somava-se a acusação pelos episódios de dissidências relativas à gravidade do surto de peste. A qual, atacou toda a Europa no decorrer dos séculos XIV e XVI, cujas consequências das reincidências dessas epidemias eram um agravante para a sociedade destes períodos. Pois, refletiam periodicamente a angústia do contato dos europeus com o flagelo. Há que considerarmos ainda, a elevada frequência com que as epidemias atingiam a sociedade portuguesa.

Quanto a peste, podemos mencionar que o surto despertou no (in)consciente coletivo da sociedade lusa medieval e moderna, três fontes discursivas sobre a sua origem. As quais foram propagadas por meio da tríade de discursos produzidos para explicá-las, os quais sejam: 1) Difundido a partir de uma perspectiva cristã, 2) Sob uma perspectiva médica, baseadas na medicina de Hipócrates e Galeno; 3) Do ponto de vista régio. (Bastos, 2009).

Destarte, em períodos de pestilências e epidemias, tanto os judeus como os cristãos-novos, normalmente sofriam os pesos da culpa pelos flagelos. Mesmo aqueles que anuíram à conversão compulsória, tornando-se cristãos-novos, serviam de bodes expiatórios e eram acusados de difundir a moléstia pelo reino. Os cristãos-velhos costumeiramente atribuíam a eles a desconfiança, e os apontavam de envenenadores de poços. Era comum aos cristãos, a crença de que os conversos cometiam blasfêmias maléficas à toda a sociedade, violando assim, os princípios básicos cristãos.

Eram constantemente acusados de serem hipócritas, também eram incriminados de professarem em segredo a velha crença, desprezando os ensinamentos decorrentes do cristianismo. Eram vistos como covardes por terem se sujeitado, ainda que à força, às pias batismais e depois, retomarem a sua fé de origem. Deste modo, no último quartel do século

XV e princípio do XVI, diversos judeus/cristãos-novos foram mortos em massacres, ou sofreram difamações em decorrência dos rumores e das caricaturas que lhes eram impingidas, onde os associavam a figura do diabo, um traidor. (Richards, 1993, p. 106-107).

A peste estava associada à alta taxa de mortalidade, proveniente do alastramento dessa enfermidade. A doença, promoveu a ampla devastação demográfica da sociedade europeia nesses períodos epidêmicos. A imagem dos conversos, além de estar constantemente associada a epidemia, ainda nutria o desprezo da sociedade europeia por sua cultura, hábitos e religião, propiciando o surgimento do sentimento antijudaico, principalmente daqueles que eram desfavorecidos economicamente. Em tempos de epidemias, esse grupo desprovido de recursos econômicos, também ficavam desassistidos de ações sociais que os protegessem. Pois, enquanto o rei, a nobreza e a corte, se refugiavam no campo, longe das aglomerações, restava aos desfavorecidos de recursos ficarem nas cidades e enfrentarem o alastramento das pestes. E, em resposta a (des)assistência da Coroa, esse grupo desprovido de recursos econômicos acabavam elegendo os judeus ou os cristãos-novos como os seus inimigos, atribuindo-lhes as responsabilidades da difusão e do alastramento das epidemias, em virtude de suas constantes diásporas e por sua mobilidade espacial.

Samuel Usque discorreu sobre o grande massacre dos conversos em Lisboa ocorrido em 1506. Para tanto, Usque descreveu o circo dos horrores que marcaram esse Evento, em que no decorrer de uma pregação de dominicanos em praça pública uma situação inusitada aconteceu, em que uma luz emanou de um crucifixo. Nesse momento, o pregador dominicano atribuiu a esse fato um sentido miraculoso, remetendo esse acontecimento a um sinal de esperança provindo de uma ação divina. Essa interpretação, possivelmente tinha objetivo de abrandar a situação do povo lisboeta que nesse período enfrentava um duro surto epidêmico. Mas, ao ouvir essa interpretação, um converso que estava entre a plateia discordou desta explicação, atribuindo a ela uma visão científica.

Nesta circunstância, esse dominicano, em companhia de um outro, incitou os cristãos-velhos contra os cristãos-novos acusando-os de apóstatas da fé cristã e heréticos, asseverando que eles além de continuarem a professar a fé judaica após o batismo, ainda desacreditavam do poder miraculoso de Cristo. Este foi o ponto alto para os cristãos demonstrarem sua revolta contra os conversos portugueses. E, num surto de ódio, diversos cristãos-velhos adentraram as casas dos cristãos-novos num misto de ferocidade e aversão a esse grupo principiando o maior massacre da história portuguesa. Assim, arremessavam as crianças pelas janelas e outros

espetavam-nas pelo lado de fora com seus chuços⁸. Desta maneira, compuseram um cenário de tragédias, em que homens cristãos desonravam as donzelas e as mutilavam ferozmente. E, em alguns casos lhes cortavam os dedos e os pulsos para lhes roubarem seus anéis e braceletes (Usque apud Remédios, 1906, p. 310).

Este episódio trágico parece ser intencionalmente esquecido entre os portugueses, os quais dão sinais de envergonharem-se desta tragédia genocida contra os cristãos-novos desse tempo. Embora, poucos autores a mencionem, coube ao cronista do reino, Garcia de Resende, destacar um aspecto funesto a respeito deste episódio. Mencionando que este cenário era composto de vivos e mortos, os quais eram todos arrastados e jogados na fogueira. Aponta ainda que, “alguns poucos, conseguiram fugir para as igrejas, onde se abraçaram aos altares, às imagens e aos sacrários” (Góis, 1909-1911, p.143).

Diante de tamanha crueldade, os oficiais da justiça portuguesa recuaram, fosse pelo medo ou pela sua impotência, visto o quantitativo de cristãos que se insurgiram contra os cristãos-novos. Mediante o quadro epidêmico que assolava Portugal, neste ano, o rei D. Manuel I e sua corte, bem como os fidalgos e a nobreza do reino, haviam saído da capital portuguesa, e estava em Avis buscando refugiar no campo.

É sabido que em tempos de alastramento da Peste, a sociedade mais abastada deixava suas habitações nas cidades e ia para os campos, na tentativa de viver isoladamente, longe de aglomerações por conta do possível contágio da doença. Mesmo nas Igrejas, as hóstias eram distribuídas na ponta de uma vara para evitar qualquer contato corporal⁹ com os fiéis.

Esse emaranhado de fatos nos leva a pensar que os cristãos-velhos se voltaram contra os conversos, por tê-los como responsáveis pela proliferação desta pestilência. E, como nos períodos de surto, já era comum lhes atribuírem as culpas que não eram suas, como um meio de explicar ou justificar a causa desta doença, coube a grande parte da sociedade cristã lisboeta o ataque a esses conversos. Esta ação pode ser compreendida como um modo encontrado por seus atores de reivindicarem sua honra e vida, mediante a situação que a doença os expunha, manifestada em quadros de fome, febre, medo e dor.

Em Lisboa, residia o maior número de cristãos-novos do reino. Pois era ali que se concentrava o maior centro de manufaturas e as mais diversas atividades comerciais de Portugal. Receosos de sofrerem o mesmo destino daqueles que sofreram as consequências do

⁸ Pau com ponta aguda de ferro. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013.

⁹ Em tempos de Peste, o medo do contágio com a doença assolava toda sociedade do Ocidente medieval. Assumir a peste era um tabu no meio social. O isolamento nesses períodos era uma prática recorrente. (Delumeau, 1989, p. 171-176).

massacre, alguns cristãos-novos que habitavam esta cidade procuraram abrigo nas casas de amigos mais distantes, mas foram rejeitados. Segundo registros do cronista Garcia de Rezende, cerca de quatro mil cristãos-novos foram mortos nesse cenário de massacre instaurado na capital lusitana (Resende, 1973).

Após o fim do morticínio, esse rei foi avisado da chacina, mas com receio do contágio da doença¹⁰ que se instaurou em Lisboa, não foi até a capital se certificar do ocorrido. Embora tenha seguido para Setúbal, que se encontra localizada a 32 quilômetros, a sudeste de Lisboa e, dali mesmo, sentenciou a sociedade lisboeta submetendo a condenação dos envolvidos neste atentado.

Desta maneira, o monarca tomou medidas extremas, retirando os títulos de “nobre e sempre leal” à cidade de Lisboa (Mucznik et al., 2009, p.317). Impondo-lhes cinco penalidades, as quais sejam: 1) Os culpados pelos roubos e mortes seriam castigados, sob penas corporais e a perda de todos os bens móveis e imóveis para a Coroa; 2) Os que participaram do tumulto perderiam um quinto de seus bens; 3) A partir daquela época Lisboa não teria mais direito de eleger seus vinte e quatro mestres¹¹ (artesão ou mesteiral) que participavam do conselho¹²; 4) Perderiam também o direito de eleger seus quatro procuradores e vereadores que no regimento eram os responsáveis pela segurança dessa cidade; 5) Os impostos pagos sob as aposentadorias foram reestabelecidos¹³.

É relevante, salientar que Zimler nesta obra buscou enfatizar que os estudos acerca deste acontecimento não vivenciaram o fato e que, portanto, deveriam ser desacreditados por

¹⁰ Nos períodos de surtos da Peste em que não havia mais como ignorá-la, as famílias mais abastadas fugiam das cidades ou vilas, se refugiam em locais menos povoados, de preferência no campo. Aqueles que ficavam no meio urbano também buscavam se isolar. As autoridades laicas e religiosas aspergiavam as moedas e as cartas com vinagre, usavam uma máscara com um bico de pássaro com perfumes. Causava desestruturação no meio citadino e nas famílias também, os comerciantes tratavam de seus negócios mantendo distância de seus compradores; os padres ofereciam sacramentos à distância, na ponta de uma vara e os relacionamentos entre os vizinhos eram cessados. (Delumeau, 1989 p. 171-176).

¹¹ Segundo Jacques Heers, não devemos nos enganar esses mestres das cidades medievais do Ocidente, designavam no interior da urbe uma certa aristocracia mercantil oposta à nobreza de linhagem. Esta aristocracia das artes e do povo era rica e poderosa. Os mestres lhes permitia reforçar: os seus privilégios políticos e sociais, o caráter aristocrático dessas associações de ofícios é indiscutível. Os pequenos artífices, eram submetidos aos mestres, os quais dominavam a corporação. Eram os mestres que elegiam os cônsules, governadores, protectores, notários e camareiros, eram também responsáveis pela tomada de decisões, bem como, aplicação dos regulamentos que infringissem penas e multas. (Heers, 1965, p.123-124).

¹² Perderiam o direito de ter seus representantes nos conselhos. Eram os representantes dos estamentos mecânicos, ou seja, o mais baixo escalão da monarquia, agrupados em 12 grêmios ou bandeiras (um tipo de associação). Eleitos anualmente, deveriam ter mais de 40 anos de idade e obter duas terças partes dos votos. Dentre esses 24 representantes, se escolhiam os 4 procuradores e vereadores que os representariam na câmara. Desses também saíam o juiz do povo e o escrivão. Ao certo, perderam muitos direitos legais, pois eram seus representantes que faziam suas queixas junto ao monarca. Esse monarca feriu uma das maiores garantias de liberdades populares desta época. (REMÉDIOS, 1895, p. 315).

¹³ Decreto expedido em Setúbal. (Pimentel, 1931, p. 217).

não terem experienciado o acontecimento, tal qual aconteceu com o seu suposto escritor doa “manuscritos” fictícios, Berequias. Haja vista, que os tais documentos foram os elementos chaves na elaboração de sua trama, caracterizando-se como o fio condutor de sua obra. Ainda que essa afirmativa de Zimler fosse verdadeira, ela não seria relevante para a construção histórica, pois os historiadores trabalham com o passado mesmo sem ter vivenciado o período, para tanto fazem uso da interpretação das fontes documentais do período estudado, sejam as Crônicas, as Leis Régias, as cartas, os Livros de Cortes dos reis, dentre outros.

Todavia, no caso desse Evento em particular tivemos cronistas como Damião de Góis que viveu no período e que fazia parte da Corte de D. Manuel I à época do Massacre, assim como o poeta e cronista Garcia de Resende (1470-1536), ainda temos outros dois autores judeus que discorreram sobre o fato, são eles Salomon Ibn Verga (1460-1554)¹⁴ e Samuel Usque (1500-1555)¹⁵. Dentre os demais autores que discutiram o Massacre, destacamos dois, o romancista e historiador Alexandre Herculano (1810-1877) e o historiador Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894), ambos são do século XIX, enquanto todos os outros acima citados foram contemporâneos ao acontecimento. Assim, cai por terra o descrédito que Zimler busca dar aos estudos sobre o Pogrom de Lisboa. Nesse fato reside uma das diferenças do modo de trabalhar do literata e do historiador, pois enquanto o historiador lida com a veracidade dos fatos, o autor parte do real, mas não há a preocupação em se manter no limiar deste real, a sua função consiste justamente em criar artifícios que despertem a curiosidade e prendam a atenção e seu leitor.

Considerações finais

No decorrer da obra, Zimler nos faz pensar que esses eruditos do século XIX, deveriam ser desacreditados em seus apontamentos acerca do Evento de 1506, justamente por não terem sido testemunhas oculares desta tragédia. Em contraponto aos manuscritos de Berequias que nortearam a escrita de sua trama, o qual supostamente tenha vivenciado o fato. Na elaboração de seu enredo ele leva seu leitor a dar mais crédito ao autor que presenciou os

¹⁴ Salomão Ibn Verga ou Aben Verga, judeu de descendência espanhola, saiu do reino dos Reis Católicos em consequência da expulsão dos judeus de Castela e Aragão decretado em 1492, mas em decorrência da conversão compulsória a qual D. Manuel impeliu todos os judeus que se encontravam em Portugal a partir de 1497, mesmo chegando um pouco posterior a esta data, Verga também foi convertido e testemunhou o Massacre de Lisboa. (VERGA, 2006).

¹⁵ Samuel Usque, descendente de judeus fugitivos de Castela em decorrência do Decreto de Expulsão de 1492, nasceu nascido em Lisboa. Portanto, também vivenciou o Massacre, só fugira de Portugal após a instauração do Santo Ofício e fora viver em Ferrara (Itália), onde possivelmente tenha vindo a falecer posteriormente. (Amado, 1906).

fatos em detrimento daqueles que escreveram a partir da interpretação das fontes. Mas, o mais curioso neste ponto, consiste em pensar que ele também parte de uma fonte mesmo que fictícia para desenvolver seu livro. Embora, essa também não seja sua preocupação, pois é justamente esse o ponto alto de seu trabalho aguçar a curiosidade daqueles que o leem.

Quanto ao alerta de Zimler sobre a sua escrita realizada a partir dos manuscritos “fictícios encontrados por acaso”, podemos observar uma questão problemática e cara ao historiador. Pois, faz-se necessário considerarmos que faz parte do ofício do historiador, interpretar as fontes documentais, na tentativa de rememorar o passado e dar a ele formas distintas de acordo com os questionamentos que se lança a documentação cotejada. Assim, nada obsta que escritores do século XIX tenham realizado suas interpretações sobre os fatos ocorridos no séc. XVI. Contudo, seu alerta nos parece mais se caracterizar como uma denúncia sobre os silenciamentos destes acontecimentos horrendos, assim como pode ser interpretado como uma crítica ao negacionismo da historiografia local, sobre estes episódios trágicos que remontam a história do passado português. Conforme sabemos, a literatura romancista por mais atrelada que esteja aos acontecimentos históricos, tem a intenção de provocar certas sensações em seus leitores, de modo a prendê-los na trama elaborada a partir do real, mas imbuída de ficção.

O rei castigou a “todos”, punindo inclusive a membros da justiça do reino, que tinham por responsabilidade conter o tumulto e estabelecer a ordem. Mas, registros apontam que era quase impossível conter essas arruaças.

Faz-se mister, reconhecer que os interesses régios e o imaginário social se interpenetraram a *pari passu*. Com o desenvolvimento acentuado do comércio português com outros povos, os conversos representaram a junção de diversos elementos significativos para o bom desempenho das atividades relativas a mercancia. Lembrando que, são conhecedores de outras línguas por conta da diáspora, dominam os cálculos e são dotados de capacidade na lida com as regatas –compras e vendas de mercadorias-, dada a convivência que tiveram com os árabes durante o período que dominaram a Península Ibérica desde o século VIII. Não há como esquecer, que para além desses elementos já citados, esse grupo contava com uma cultura bastante letrada. Embora, não possa afirmar que todos fossem privilegiados por ela.

Mas, aqui cabe a alerta de que seus leitores devem ser também conduzidos pela incredulidade e desconfiança da narrativa que perpassa pelo mistério dos crimes a serem desvendados, fundamentada na tessitura histórica por intermédio de enigmas que precisam da atenção do leitor. Pois, é na elaboração dos enigmas e na busca dos sentidos parciais de um

dado Evento, que as obras de Zimler ganham destaque. A construção textual elaborada pelo autor afasta-se da mera representação do real, numa espécie de recriação dos fatos, na tentativa de contrariar a reprodução histórica e instaurar um modelo pautado na criação de um artefato literário embasado no real.

Zimler, é um romancista e não um historiador, embora na construção de seu romance ele se coloque como um narrador/investigador que busca dar vasão aos manuscritos históricos supostamente encontrados na reforma de uma casa velha de uma família judia. Mas, a tessitura da trama se dá no entrelace da história, da memória que se mesclam no campo da enunciação que prefiguram o porão onde os corpos de seu tio e de sua consorte são “encontrados” nus, que o nosso autor denuncia o massacre público dos cristãos-novos, por meio dos crimes perversos ali cometidos naquela cena estranha e opaca, mas ao mesmo tempo sangrenta e horrenda. Zimler, busca levar seu leitor a desvendar as caixas de segredos judaicos esboçadas na obra como um lugar secreto de honra para os judeus, onde os manuscritos que desvendam parte importante de sua história estiveram secretamente guardados por aproximadamente três séculos sobre a pompa das iluminuras e desenhos traçados com fios de prata (metal precioso da época) que dava forma ao sobrenome da família Zarco, retratando a relevância desta família à época.

Como não poderia deixar de ser, o autor nos leva a perceber que os judeus, mesmo quando foram convertidos a força passando a ser denominados de cristãos-novos, mantiveram seus princípios religiosos (os recriando conforme lhes era possível) ainda em meio a diversas perseguições, violências, confiscos de bens e diásporas. Mesmo em meio a todo esse alvoroço, ainda na atualidade se constituem como o povo de memória cultural e religiosa mais antigo.

O romancista foco desta abordagem, oferece ao seu leitor a relevante oportunidade de conhecer e refletir sobre fatos históricos, o conduzindo a perceber como esses acontecimentos reais podem compor uma trama literária. De modo a fazê-lo compreender que a sua elaboração não tende a ser apenas uma transcrição da realidade, mas podem se transformar num emaranhado de narrativas que versam sobre fatos fictícios entrelaçados a fatos reais que dão forma a tramas geniais que visam chamar a atenção de seu leitor. Nesta obra, ele se utiliza da metáfora de um espelho (o qual saia lágrimas de sangue e que representa a família de Zarco), a qual sangra por meio dos manuscritos encontrados. É pela construção da trama investigativa sobre os crimes, que Zimler faz a denúncia que retrata a história e a memória algoz de uma família que passou por episódios de intolerância religiosa. Ao contrário do que

imaginamos, esse episódio não faz parte apenas do passado longínquo. Embora, ainda permeia os acontecimentos do tempo presente, por meio das atrocidades humanas acometidas no cenário dos palcos da vida nos dias atuais.

Referências

Fontes

GÓIS, D. de. **Crônica d’el-rei D. Manuel**. Lisboa: Escriptório, Parte I, 1909-1911.

RESENDE, G. A vida e feytos d’el-rey D. João II. In. **Livro das obras**. Lisboa: Calustre Gubenkian, 1994, Cap. CCVII, p. 274.

ZIMLER, R. **O último cabalista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Bibliografia

AMADO, F. F. **Dicionário Histórico de Portugal**. Coimbra, 1906.

BASTOS, M. J. da M. **O poder nos tempos da peste (Portugal – séculos XIV/XVI)**. Niterói: Ed. UFF, 2009.

CHARTIER, R. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000. vol. 1.

COUTO, S. P. **O segredo da Cabala**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FELDMAN, S. A. **As obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica**: Perspectivas da unidade político-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

HEERS, J. **O trabalho na Idade Média**. [s./l.]: Publicações Europa América, 1965. p.123-124.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

MUCZNIK, L. L.; TAVIM, J. A. R. da S.; MUCZNIK, E.; MEA, E. de A. (Coord.). **Dicionário do judaísmo português**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

PIMENTEL, A. (Org.). **História de Portugal**. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1931. vol. 3.

REMÉDIOS, J. M. dos. **Os judeus portugueses de Amsterdam**. Coimbra: F. França Amado Editor, 1911.

_____. **Os judeus em Portugal**. Coimbra: F. França Amado, 1895.

RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RICOUER, P. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF - Martins Fontes, [1982-1983]. vol. 1.

RICOUER, P. **La memoria, la historia, el olvido**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história – fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SCHAMA, S. **A história dos judeus**: à procura das palavras 1000 a.C. – 1492 d.C. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SOUSA, C. T. de. **Entre o desterro dos judeus e o fechamento dos portos portugueses no reinado de D. Manuel I (1495 - 1521)**: os caminhos trilhados pelos cristãos-novos após o édito. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2018.

VERGA, S. I. **Shevet Jehuda**: Ein Buch über das Leiden des jüdischen Volkes im Exil (Jüdische Geistesgeschichte). Taschenbuch, 2006.

VOVELLE, M. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Sites

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/CHU%C3%87OS>>. Acessado em: jan./2017.

USQUE, S. Op. Cit., editado em Lisboa por REMÉDIOS em 1906. Disponível em: <<https://archive.org/details/consolaamtribu00usqugoog>>. Acessado em: jul./ 2016; apud **REMÉDIOS**, Joaquim Mendes dos. Op. Cit., 1895, p. 310.